

A questão da afetividade na modalidade de ensino remoto

O Presente artigo apresenta uma vivência em sala de aula virtual, no ensino de Língua Inglesa, para uma turma de segundo ano do Ensino Fundamental I, durante a pandemia. O embasamento teórico utilizado neste trabalho é a afetividade, em Wallon. O acontecimento narrado aborda momentos exclusivamente remotos, pois na ocasião não havia acontecido o retorno presencial.

No mês de julho do ano de 2020, por conta da comemoração das festividades juninas, foi proposta pela coordenação uma abordagem dos vocabulários típicos da culinária, vestimenta e brincadeiras desta festa, transpostas para L2¹.

Após a conclusão do trabalho pedagógico proposto, houve uma festa virtual. O empenho em realizar esse evento envolveu confecção de bandeiras, preparação de comidas típicas, elaboração de coreografia com músicas instrumentais juninas, roupa a caráter, dentre outros.

No momento da atividade lúdica, tudo corria normalmente. A turma estava animada e engajada. Em um dado instante, um dos alunos indaga à professora com espanto: “Eu só tenho uma pergunta: você vai comer isso tudo?”, referindo-se às comidas típicas apresentadas (foto abaixo).



Ele sente-se surpreso com a quantidade de comida que estava posta na mesa. Em resposta, a educadora afirma: “Sim, vou comer com minha família e se precisar, peço a ajuda dos vizinhos”. Ele acha engraçado e a festa continua.

¹ L2 é o termo utilizado para se referir à Língua estrangeira.

Parte da atividade era que cada estudante apresentasse suas comidas típicas. No entanto, uma das alunas, Fernanda, diz: “Eu não tenho nada”, com um semblante bem triste. Ela fica em silêncio por um longo tempo e depois, para enfatizar seu drama, completa: “Depois vou na cozinha ver se tem alguma coisa para comer”.

Após este constrangimento de não ter o mesmo que os colegas no momento da atividade, a atenção e participação posterior da criança é comprometida. Isso vai ao encontro da teoria da afetividade, de Henri Wallon que defendia que dimensão esta estava lado a lado da motora e da cognitiva. Como docente, a professora teve rapidamente que improvisar uma solução para aquele entrave. Seguiu-se, então, para a parte das brincadeiras mas, ainda assim, Fernanda não participou com o entusiasmo que lhe era peculiar.

Neste momento, o desafio do professor é imenso. No presencial, fora do tempo de pandemia, poder-se-ia trabalhar a questão da coletividade, da empatia, entre outras. No virtual, deixa-se aqui o questionamento: que tipo de trabalho poderia ser feito na situação apresentada acima?

Um dos grandes desafios parece ser a necessidade de participação das famílias, pois mesmo que algumas estejam fisicamente presentes em *home office*, não há como se dedicarem às solicitações de seus filhos estudando em casa. A dinâmica de ocupar espaços da casa, de fazer diversas tarefas simultaneamente e de administrar as demandas das crianças no momento da aula é muito complexa.

Em síntese, todos os envolvidos no processo de ensino aprendizagem estão se adaptando a essa nova realidade. Na verdade, toda essa dinâmica foi inesperada e nenhuma das partes teve orientação prévia (discentes, docentes, escolas, famílias e comunidade), o que justifica não só essa, como todas as dificuldades enfrentadas nestes tempos.

Referência

FERREIRA, A. L; ACIOLY-RÉGNIER, N. M. **Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação**. Educar, Curitiba, n. 36, p. 21-38, 2010. Editora UFPR. Disponível on-line em: <<https://www.scielo.br/pdf/er/n36/a03n36.pdf>>. Acesso em: 18/10/2020.

Sobre o autor:

Liliane Silva Santana dos Santos: Licenciada em Letras – Português, inglês e literaturas correspondentes pela PUC-Rio, graduanda em Pedagogia pela UERJ. Professora de um projeto bilíngue em uma escola privada.